O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

PLANO SAFRA 2021/2022: QUEDA NA TAXA DE JUROS REAL

AS PERSPECTIVAS econômicas para 2021 formuladas no começo do ano apontavam para um crescimento moderado do Produto Interno Bruto (PIB), da ordem de 3,4%, um Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 3,3%, uma taxa Selic de 3,0% a.a. e a cotação do dólar em R$ 5,00. Passados os primeiros seis meses do ano, mesmo com toda a turbulência atual na política, a valorização do real, há muito antevista pela ***Agroanalysis***, é a única previsão que se concretiza. No entanto, o real, talvez, já tenha atingido a sua valorização máxima em relação ao dólar, o que significa que o produtor deve começar a comprar os seus insumos dolarizados.

A inflação, mais alta do que o previsto, levou o Banco Central do Brasil (BCB) a elevar a Selic (taxa básica de juros da economia). Atualmente, a taxa encontra-se em 4,25% a.a.; a perspectiva para o final do ano é de 6,00%. Assim, o novo Plano Agrícola e Pecuário (PAP), referente à safra 2021/22, não poderia ter o mesmo nível de juros do ano anterior. Como nas temporadas anteriores, o PAP 2021/2022, que vai de julho de 2021 a junho de 2020, manteve a tendência de aumento do capital aplicado a taxas de juros livres de mercado. A prioridade será destinar os fundos do crédito oficial para operações destinadas aos pequenos e aos médios produtores.

No entanto, apesar do aumento dos juros, a taxa de juros real do crédito rural anunciado está menor do que na última safra. O artigo que trata do tema mostra que está muito mais razoável, economicamente, tomar crédito neste ano, mas sempre com muita atenção. O texto faz uma análise comparativa entre as taxas de juros do Plano Safra e as praticadas no mercado financeiro e provoca reflexões sobre a captação do crédito rural oficial, os instrumentos do mercado de capitais e o uso de recursos próprios. Na próxima edição da ***Agroanalysis***, iniciaremos uma série de artigos justamente sobre o uso dos instrumentos do mercado de capitais para financiamento das operações do agro.

Em relação à perspectiva para o PIB do Brasil, o mercado prevê, neste momento, um crescimento de 5,0% para este ano. No primeiro trimestre, o PIB brasileiro já surpreendeu, crescendo 1,0% frente ao mesmo período do ano anterior, graças, essencialmente, à agropecuária e à indústria, que registraram um crescimento de 5,2% e 3,0% respectivamente. Com isso, a economia brasileira voltou a operar no nível pré-pandemia. A conjuntura para os próximos meses ficará condicionada: às incertezas sobre a vacinação e ao efeito de uma possível terceira onda da pandemia no Brasil; à velocidade de recuperação do setor de serviços; e ao controle da inflação.

Na entrevista do mês, Luiz Carlos Corrêa Carvalho, diretor da CANAPLAN, revela a sua visão sobre o negócio que cerca a conjuntura da indústria de cana-de-açúcar nos contextos interno e externo do País. A seca atual, considerada a pior dos últimos 57 anos para a cultura canavieira, provoca uma quebra da produção e dificuldades de plantio, estas com consequências para as safras que estão por vir. Mesmo com a quebra da produção, é importante salientar o fato de que o setor produtivo atenderá a oferta de etanol anidro a ser misturado na gasolina e os compromissos de exportação. As boas perspectivas de resultado, como no ano passado, estão relacionadas à Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio), que entra apenas no seu segundo ano de vigência, mas que já dá uma ideia da dimensão potencial do mercado de carbono. Paralelamente, o governo lançou o Programa Combustível do Futuro, para incrementar o uso de combustíveis sustentáveis e de baixa intensidade de carbono. A iniciativa recebe apoio de importantes montadoras de veículos, como a Toyota, a Nissan e a Volkswagen, o que mostra um excelente caminho para o Brasil e reforça o seu protagonismo nesse tema.

Na reunião do Conselho Superior do Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Cosag/Fiesp) realizada em junho último, discutiu-se o Programa Nacional de Bioinsumos, elaborado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e lançado há pouco mais de um ano. O Programa

visa impulsionar a utilização de recursos biológicos na agropecuária brasileira. A ideia é aproveitar a biodiversidade do País e reduzir a dependência de insumos importados de outros países. As apresentações focaram as expectativas com relação ao uso de biofertilizantes, bioinoculantes e biodefensivos.

No mercado de laranja, a Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR) lançou a campanha "Orange juice, a good choice" ("Suco de laranja, uma boa escolha", em tradução livre). A criação desse *slogan* envolveu um detalhado processo de pesquisa e análise. Há uma preocupação com a política protecionista do Green Deal, adotada pela União Europeia e que culminou com a articulação do movimento Farm to Fork. Para a Europa, são enviados 70% do suco de laranja produzido pelo Brasil. O objetivo da campanha é levar informações confiáveis e verificáveis a compradores e varejistas europeus, uma vez que os elos da cadeia produtiva de suco de laranja já são reconhecidos pelo seu alto nível de conformidade.

Por fim, no Caderno Especial deste mês, a Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja MT) apresenta as ações do programa Soja Legal. Tendo o produtor como principal ativo, a entidade – que possui 7.400 produtores associados – está atenta ao mundo em constante evolução e crescimento, com uma demanda cada vez maior por alimentos seguros e sustentáveis. Nessa perspectiva, os seus dirigentes têm consciência da missão a ser cumprida pelo estado de Mato Grosso, quarto maior produtor mundial de soja se fosse um país. Pensando no futuro das próximas gerações, os passos estarão voltados para o respeito à natureza, com um desenvolvimento alicerçado em modernas legislações ambientais e sociais. ■



ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS



@fgvagro
/fgvagro
@fgvagroanalysis
FGV Agro
/fgvagro

www.agroanalysis.com.br contato@agroanalysis.com.br